

Paivenses falecidos
no Ultramar Português



OS NOSSOS HERÓIS

Nuno da Costa Moreira

1942 - 1965

Foi o terceiro militar da Freguesia de Pedorido e do Concelho de Castelo de Paiva que faleceu na Guerra do Ultramar.

Nasceu a 15 de Agosto de 1942 no lugar da Póvoa, Freguesia de Pedorido, Concelho de Castelo de Paiva.

Filho de Manuel Alves Moreira, mineiro e de Maria Ludovina Rodrigues da Costa, doméstica.

Era solteiro e tinha a profissão de ajudante de ferreiro.

Foi incorporado no Exército a 20 de Outubro de 1963 e tirou a Especialidade de Atirador. Foi mobilizado para a Província Ultramarina da Guiné.

Pertenceu à Companhia de Cavalaria 678 que se instalou em Fá Mandinga e mais tarde em Xime. Aqui, tiveram a dura missão de construir um aquartelamento na Ponta do Inglês, orla do rio Corubal e que só tinha acesso por via fluvial. Mais tarde construíram um acesso rodoviário. E foi nesta picada que em 10 de Novembro de 1965 a viatura militar onde seguia o Nuno Moreira capotou e provocou a sua morte.

Está sepultado na campa 2038 do Talhão dos Combatentes no cemitério de Bissau.

EDITORIAL

José Moreira
Presidente da ACUP

Caros associados:



O Outono chegou, e com ele a costumeira alteração de meteorologia e as actividades características desta época. As vindimas ocupam muitos daqueles que na sua juventude, cumpriram o serviço militar em África. Em Castelo Paiva continuamos a produzir o melhor vinho verde tinto do mundo, e é natural que os ex-combatentes paivenses não deixem de se associar às actividades inerentes à produção do famoso néctar.

No entanto, nem a transição de estação, nem os trabalhos agrícolas logram distrair a ACUP da sua missão de proporcionar aos seus associados, um leque de actividades o mais abrangente possível.

Continuamos portanto, a oferecer múltiplas escolhas que vão desde a ginástica às oficinas de pintura ou aos convívios. No interior do nosso jornal poderão ler com mais pormenor o que tem sido realizado pela ACUP e pelas pessoas com quem estabelecemos as parcerias necessárias, a fim de desenvolver toda uma gama de actividades que ocupem e enriqueçam os nossos associados.

Os ex-combatentes são indiscutivelmente, cidadãos. E como tal, não podem deixar de se espantar com algumas notícias que vão sendo divulgadas nos meios de comunicação social. Como antigos militares, habituámo-nos a ver nas forças armadas a divisa maior da disciplina e do rigor, e nos oficiais que as superintendem, o aprumo máximo na arte de comandar. Não é com pouco espanto que assistimos agora ao enxovalho de um exército que era o espelho da nação, traduzido em armamento que foi subtraído aos respectivos paóis sem que ninguém o evitasse, e sem que outros consigam deslindar a teia de cumplicidades que nada de bom auguram. Esperamos que tudo seja esclarecido para que eventuais responsáveis sejam punidos, e a confiança da nação nas suas forças armadas seja restabelecida.

Termino renovando o convite a todos os associados e seus amigos e familiares, para nos visitarem na nossa renovada sede, onde podem usufruir de momentos de convívio e lazer.



O MEU TESTEMUNHO

O Regresso

31 de Julho de 1972. Início de uma caminhada de sofrimento!

Fugi para França para não ir para a guerra. Mas a pedido da minha mãe, dado que o pai nos tinha abandonado, regressei para cumprir o meu dever. Mais um "carne para canhão".

Aveiro, Tomar e Braga, três destinos antes de ser chamado para embarcar em Lisboa.

Estive 14 meses à espera para partir para Angola. A minha família já não acreditava na minha partida. Mas o dia chegou! Despedi-me do meu "casaco" (a minha namorada) e disse-lhe: - Não esperes por mim, posso morrer. Tive um amigo que me disse: - Não te cases, podes deixar uma jovem viúva. E ele morreu mesmo!

Em casa disse à família: - Vou a Lisboa, amanhã cá estarei. Era de noite, olhei para a minha avó sem que ela e os presentes vissem, chorei e pensei que nunca mais os voltava a ver. Lá parti a 30 de Novembro de 1973.

Cheguei a Angola e nada sabia dos meus colegas. Apenas encontrei um amigo de Mozelos-Santa Maria da Feira. 80% eram naturais da Madeira. Tivemos vários problemas, como todos. Uns que partiram, outros suicidaram-se. Enfim, eram as nossas "férias". Fome, sofrimento e a família longe com correio de mês em mês.

Um dia bebi um refrigerante, tinha febre e fui para o hospital em coma. Era paludismo. Ninguém da família soube.

Em Dezembro de 1974, os meus colegas regressaram e eu fiquei! Muitas lágrimas e 14 meses de Angola.

Um dia na messe de oficiais, um general disse-me que se eu tivesse 30 meses de tropa que podia vir embora. Mal sabia eu que estava a falar para o comando chefe das forças armadas.

Pedido feito, pedido aceite. Só acreditei quando entrei no avião. Regressei no dia 30 de Março de 1975. Era Domingo de Páscoa.

Quando cheguei à minha terra parei em casa do meu amigo Professor Quim e pedi para ele entrar em minha casa sem a minha família dar conta, dado que ele conhecia o cão, como era caçador e pescador. Chamou pela minha mãe: -Venha que eu tenho aqui uma encomenda para si, a minha mãe lá veio não me reconheceu, eu trazia barba esfregou os olhos e disse: - És tu meu filho? - Gritou. Toda a família veio a correr.

Sem nada dizer regressei na mesma escuridão. Jamais pensei voltar à minha terra natal. O "meu casaco" esperou pelo "sobretudo". Hoje é minha esposa e temos dois filhos. Obrigado por me teres escolhido.

Temos muitos amigos mas como aqueles que dormiam ao nosso lado jamais encontraremos uma família igual.

Albano Silva Duarte
Soldado Apontador de Metralhadora
Angola 1973-1975

SALA MUSEU



Com as obras de conservação e remodelação realizadas na Sede da ACUP, a Sala-Museu apresenta-se agora mais espaçosa, acolhedora e com a dignidade que se impõe neste local destinado ao espólio que muitos dos antigos combatentes ofereceram à nossa associação.

Assim, torna-se oportuno o renovado apelo da Direcção da ACUP aos antigos combatentes, seus familiares ou quem o deseje fazer, para cederem objectos (fotos, medalhas, vestuário, documentos, etc.) para enriquecerem este nobre e significativo espaço que testemunha uma negra e dolorosa página das nossas vidas; A Guerra do Ultramar. Assim procedendo, estamos todos a contribuir para a divulgação e respeito pela nossa história e memória colectiva, herança que deixaremos às gerações vindouras.

AEROGRAMA



FICHA TÉCNICA

Propriedade da **ACUP**

Associação Combatentes do Ultramar Português

SEDE: R. Prof. Egas Moniz, 176 - 4550-146 CASTELO DE PAIVA

Telef.: 255 689 229 - Telem.: 936 561 300

acup.combatentes@sapo.pt

Os artigos publicados no "AEROGRAMA" são da inteira responsabilidade dos seus autores

Tiragem: 1000 exemplares

Design Gráfico: João da Gráfica

padaria
a moreira

Entroncamento
4625-068 FAVÕES
T. 255 580 220 - 255 580 229

CA

Crédito Agrícola

T. 255 698 511

R. Dr. Sá Carneiro, 68
4550-120 Castelo de Paiva

Assim é a ACUP



Convívio «Km 10»



Desfile S. Martinho



Desfile S. Martinho



Inauguração do Bar da ACUP



Atividades da ACUP



A.E.- Castelo de Paiva



Póvoa de Varzim



MAGUSTO

Sábado | 10 de Novembro | 15 horas

Vai realizar-se o habitual Magusto de São Martinho.

O local vai ser na sede da ACUP e promete ser uma boa jornada de convívio e confraternização. As inscrições devem ser feitas desde já, com um custo associado de 2,50€.

Contamos com todos.



Aniversário da Associação de Tondela



Assembleia Geral

Sábado, 24 de Novembro, 10 horas

O local desta iniciativa é no Auditório da Escola Secundária de Castelo de Paiva. A nossa reunião magna será palco de uma ampla discussão e informação referente à vida da nossa associação. A convocatória será enviada pela Mesa da Assembleia-Geral.

Como sempre, aguarda-se uma grande adesão dos associados da ACUP.



**Sábado - 24 de Novembro
13 horas**

No final da Assembleia Geral vai realizar-se mais um almoço convívio no refeitório da Escola Secundária de Castelo de Paiva. Este evento enquadra-se nas iniciativas da ACUP de carácter sócio recreativo, tão do agrado de todos (e são muitos) os que nelas participam.

Devem os interessados fazer com tempo a sua inscrição, permitindo assim à Direção da ACUP organizar este evento com a qualidade que todos esperam e merecem.

Que ninguém falte!

Major Costa Matos e Daniel Roxo*Visão e Eficácia**Continuação do número anterior*

Tudo isto é a demonstração cabal de que as informações chegavam em qualidade e quantidade ao palácio do governador, como talvez nunca tivessem chegado a nenhum outro congénere do antigo Império Português. O plano montado numa altura em que a organização da Frelimo se encontrava em movimento, resultou em pleno só não terá chegado foi a tempo de impedir a luta.

O somatório da capacidade de decisão e visão do governador, e a eficácia do comandante de Milícias, profundo conhecedor das gentes e do terreno, dotado de uma coragem fora do comum, resultou na evidente contenção da Frelimo no distrito. Confrontada com um sistema organizado, o movimento independentista foi obrigado a enveredar quase exclusivamente por uma estratégia de dificuldade da circulação dos meios militares portugueses, evitando no máximo possível o contacto direto. Nunca existiu real perigo a sul da linha Nova Coimbra – Metangula. Acresce que o Niassa foi a província moçambicana com menos atividade de forças especiais, (paraquedistas, comandos, GE's e GEP's), quando comparada com Cabo Delgado ou Tete, com a exceção da presença de fuzileiros no lago que se revelou heroica.



Nada disto retira o brilho a quem ali serviu, e em zonas muitas vezes de pesadíssimo isolamento, cumprindo o seu dever e portanto tornando-se parte deste sucesso.

Nos meses imediatamente anteriores ao deflagrar do conflito, Daniel Roxo cria uma rede de informação nas aldeias do Niassa, que será sem dúvida a base do seu sucesso nos anos subsequentes, sobretudo nas diferentes operações militares que cumpriu. Muitos dos que serviram na província nos anos

sessenta e setenta, foram testemunhos da fantástica capacidade operativa dos homens do Daniel Roxo - *Milícias do Niassa*. Para além dos atributos em campanha, os sucessos ficaram a dever-se a este trabalho preparatório, que permitiu a contra infiltração no IN.

A mais conhecida missão em que o grupo do Roxo participou, e que foi realizada sobretudo com as informações por eles recolhidas, foi a Operação Marte, no início de Agosto de 1968. Foi levada a efeito pelos homens da 4ª companhia de comandos de CIOE de Lamego, apoiados por alguns homens do grupo do Roxo. As informações foram tão boas, que foi possível ultrapassar a vigilância da base provincial no Niassa, (na zona a norte de Miandica), e atacá-la com surpresa e êxito total, destruindo material de guerra, capturando informações e militares, e recuperando populações que para ali tinham sido enviadas.

A vida destes homens ligou-se numa época particularmente difícil para Moçambique. Tinham com os meios de que dispunham, contornar um problema que já existia, e que apanhou a administração portuguesa a dormir a sono solto, na esmagadora maioria dos casos. Eles foram talvez a dupla mais bem-sucedida na organização de uma das mais remotas regiões que alguma vez formou o território nacional.

Professor - António Carlos Augusto